



O QUE FOI DEIXADO NO CIBERESPAÇO: confissões de uma netnógrafa

Jennifer Paola Pisso Concha

Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea
Universidade Federal do Mato Grosso, Mato Grosso, Brasil.

E-mail: moryta@gmail.com

É membro do Grupo de Estudos em Cultura e Literatura em Mato Grosso e do Grupo de Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3389-2044>

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 4
Número 2

Recebido em: 10/06/19
Aprovado em: 04/07/19

Resumo

Assumir o desafio como netnógrafos no ciberespaço faz questionar por um lado, como levar as considerações etnográficas ao mundo virtual? E por outro, quais são os instrumentos para a imersão netnográfica naquele emaranhado de informações e atualizações pela internet? Neste artigo, sem pretender ser “uma receita metodológica”, oferece ferramentas para o [ciber]-trabalho de campo, a fim de sistematizar o processo vivenciado como netnógrafa. Trata-se de uma pesquisa netnográfica baseada em novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Desse modo, espero com esse texto contribuir com o campo da cibercultura, bem como estimular a outros pesquisadores a seguir trilhando estudos no virtual.

Palavras-chave: Netnografia. [Ciber]-trabalho de campo. Ciberespaço. Cibercultura.

1 Diante da gigante linguagem da hipertextualidade

Pensar no campo das novas tecnologias e o ciberespaço permite-me olhar para as diversas situações que acontecem no mundo virtual, como um universo/objeto riquíssimo de diversos estudos. Assim a raiz “ciber” se torna uma janela de possibilidades para mergulhar em temas como: cibersexo, cibercrime, cibermoda, ciberpunk, cibernarrativas etc., mas também leva a considerar qual é a metodologia e instrumentos que permitem uma melhor abordagem e compreensão desses universos pela internet.

Diante desse questionamento, sentada em frente da tela do computador, lembrei-me da netnografia¹ e ainda que, nesse momento, não tinha muita informação sobre o assunto, optei por fazer uma imersão no ciberespaço desde o ano 2017 até 2018, naquele ambiente sem fronteiras, mas que precisa de um espaço para respirar. Pensei “no mundo virtual?” Por certo, que sim. Esse universo recheado de hipertextos², imagens, vídeos, dizeres...essa sensação de infinito para parar e pensar, não só como netnógrafa, mas como ser humano envolvido em ambientes de tecnologias, em contato com o Outro[s].

Para começar a pensar o local da netnógrafa no emaranhado virtual é preciso contextualizar o ciberespaço. Sendo assim, nesse artigo, o termo é concebido sob a perspectiva de Leão (2004) como:

Um espaço dinâmico e de comunicação, que se expande através das mídias e tecnologias contemporâneas, possibilitando o estabelecimento de relações, buscas, trocas e interações em tempo ‘quase’ real, composto por pessoas e grupos; ambientes que integram simultaneamente o real e o virtual; e por sistemas de informações, softwares e máquinas (LEÃO, 2004: 53)

Em concordância, Pierre Musso (2006) diz que os sujeitos “migram” do espaço físico tradicional para o ciberespaço, criando as suas comunidades ou redes virtuais, as quais levam a questionar que acontece e se gesta na transição do território para o espaço, do espaço para o território ou ambas acontecendo ao mesmo momento (espaço híbrido) .

¹ Neologismo (net + etnografia), cunhado na metade dos anos 90 e popularizado por *Robert Kozinets* (FRAGOSO et al., 2011:173). Segundo *Kozinets*, o termo netnografia demarca e pontua as diferenças do método etnográfico adaptado ao ciberespaço, seja na coleta de dados, de ética e análise de pesquisa. Nesse sentido, o netnógrafo[a] tenta compreender muito além de descrições, observando as dimensões simbólicas e históricas envolvidas no ciberespaço.

² Segundo Lemos (2013), são informações textuais, sonoras e imagéticas organizadas de forma a promover uma leitura não linear, reconfigurada e fluida, sem um ponto central, baseada em conexões de sentidos sob a forma de links. Os links funcionam como portas que abrem caminhos para outras informações, onde o leitor escolhe o percurso. Indo além, vale a pena, considerar a perspectiva crítica de Leão quando diz que são “rede de textos, uma paisagem que não pode ser vista como um todo de uma só vez, mas que exige ser explorada por diferentes rotas” (LEÃO,1999: 73). Portanto, quando se fala de hipertextos, a autora diz que alguns pontos devem ser considerados, no caso do hipertexto como “multivocal” que reflete na polissemia dos dizeres, olhando para o hipertexto como uma personagem no grande palco virtual.

Nesse sentido, enxergar a sociedade, associada às tecnologias digitais, cria uma relação entre a vida social e o ciberespaço, além disso, é desafiador para quem tenta analisar, interpretar, mergulhar, compreender, como as pessoas no virtual produzem uma nova cultura em um processo de transformação. Sob perspectiva de Santaella (2007) será também desafiador compreender a metáfora criada sobre os mundos paralelos: real e virtual, que chama de “espaços intersticiais”. Entender a relação de co-existência entre duas realidades: virtualizada e territorializada, já que a autora defende que são as novas paisagens, as novas atmosferas, as novas cartografias que estruturam nossas relações sociais no ciberespaço.

Desse modo, trocar a camisa de antropóloga para a de netnógrafa foi desafiador, quando a investigação se focou no espaço virtual; também foi preciso, encontrar uma metodologia netnográfica para fornecer esse tipo de estudos no virtual. Em consequência, essa experiência contribui para o vivenciado, o teórico, e para o aprendizado, uma vez que essas pinceladas e apontamentos estimulam seguir trilhando caminhos emaranhados. Para tanto, sem pretender apresentar “uma receita metodológica” e sim ferramentas para o [ciber]-trabalho de campo, por meio de uma narrativa íntima, que tem por finalidade sistematizar o processo vivenciado como netnógrafa. Possui caráter sensível? Certamente! Porém, não perde o seu caráter científico. Na verdade, acredito que razão e emoção (paixão) são chaves para mover-nos e enxergar o mundo.

Assim que chamo de: “o que foi deixado no ciberespaço [porque acredito que também pode atravessar corpos e mexer emoções com as inúmeras informações que nos deparamos no cotidiano]: confissões de uma netnógrafa [esperando ser uma entre milhares]. Logo, espero com este trabalho contribuir com o campo da cibercultura, como também estimular a outros pesquisadores a seguir trilhando o desafiante caminho dos ambientes digitais na sociedade contemporânea. Vale lembrar que, o artigo está escrito em dinâmicas pensadas para o leitor digital, ou seja, que quer ler só o justo e necessário. Pronto.

2 Do arsenal como netnógrafa

Dizem que dar o primeiro passo para avançar é dar o passo. Eu precisei de dar o primeiro clique.

(Confissões de netnógrafa, 2019)

Antes de tudo, é preciso esclarecer que o conceito de netnografia está fundamentado na prática de observação, descrição e análise das dinâmicas interativas e comunicativas, aliás, de assumir critérios de ética. Portanto, é um modo de indagação e de compreensão das interações dentro da cibercultura. Desse modo,

a pesquisa etnográfica dentro do contexto antropológico pode ser adaptada à pesquisa na *internet* como netnografia.

Desde o estabelecimento da internet como meio de comunicação e da constituição de grupos sociais possibilitados pelas facilidades da comunicação em rede, alguns pesquisadores perceberam que as técnicas de pesquisa etnográfica também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e das comunidades agregadas via internet (FRAGOSO *et al.*, 2011: 170).

Em correlação, a cibercultura para a netnografia se torna em objeto de análise, além da materialidade para tentar construir “um todo harmonizado” que é articulado por um corpo crítico-pensante que estabelece a relação entre o[s] sujeito[s] envolvido[s] e o objeto de estudo: a netnógrafa.

No trânsito a netnógrafa, ainda que estou acostumada a fazer trabalho de campo, esse “de carne e osso” e desde a comunicação fico próxima do outro; nessa virada, descobri uma pesquisadora pronta para o inesperado, com a cabeça aberta às possibilidades, essas que cabem em mares de dúvidas, incertezas, probabilidades, acertos e desacertos: as mudanças no caminho (Confissões de netnógrafa, 2019).

Desse modo, se o antropólogo pode conviver de maneira próxima com as comunidades, como netnógrafos devemos ficar de olho em nosso objeto de estudo no ciberespaço, para seguir atualizações de informações, desemaranhar *links*, mergulhar em profundidades da *web* e encontrar o que, à primeira vista, parece que está, mas nesse mundo virtual volúvel, os conteúdos também se ocultam. Portanto, vale a pena dizer que tudo aquilo que está na *web*, ainda que seja “apagado”, fica na rede de infinitos hipertextos e o desafio é desentranhá-los.

Nesse caso, para aceitar o dito desafio precisa-se de um bom arsenal de netnógrafa para ir em busca das informações e conteúdos no mundo virtual, levando a incursionar na técnica a serviço do homem. Assim, desde a experiência netnográfica, verifiquei que embora se diz que é fazer etnografia no mundo virtual, surge a pergunta: Como fazê-la? Quais são as ferramentas? Diante essa situação, encontrei alguns instrumentos práticos que contribuem para o campo de estudo. Observemos.

Para fazer netnografia se pode suportar em instrumentos como: a busca avançada pelo *Google* que permite limitar os resultados e escolher os filtros a serem usados, tais como: textos em *Word/PDF/Excel*, vídeos, notícias etc. Também implementar jornalismo de dados, a partir de *datamining*³ para trabalhar com

³ Conhecida também como mineração de dados, baseada em um *Researching* (rastrear na web), a partir da busca de conteúdo hipermedia na *Web Scraping* (web de raspagem), ou seja, navegar naquela fonte de dados armazenados no ciberespaço que permitem encontrar informação específica por meio de um motor de busca, nesse caso: *Google* ou *Bing*, podem redirecionar uma busca de preferências avançada. Exemplo: direcionar o motor de busca para encontrar só notícias e vídeos sobre cyberbullying ou áudios, fotos e artigos sobre temáticas de cyberpunk. Além disso, usar o software Copernic permite obter documentos e notícias mais atuais sobre o

grandes informações quantitativas e gráficas. Foi assim como nos últimos anos, a mineração de dados baseada em técnicas de estatística e aprendizagem informático, é cada vez mais usada em diferentes áreas de conhecimento. A meu ver, ótima ferramenta para “pesca de dados” durante a imersão no ciberespaço.

É oportuno mencionar que na fase de mineração de dados, se deve ter paciência, critérios de seleção; às vezes (muitas vezes) se fica com a sensação que não se vai dar conta pela inumerável quantidade de informação, mais enquanto começa a exploração pela internet e aprende a conviver com os seus vizinhos os links, se torna mais expert em critérios de exclusão, claro está que também se podem filtrar tipo de informações que não precisa, mas é só tirar do foco de estudo. Igualmente, na mineração de dados não se encontra um passo a passo de como arrumar a informação, porque sua função é localizar e apresentar as informações estatisticamente, mas se pode desenhar uma tabela de dados, que registre o conteúdo achado, insira hipóteses, percepções, apontamentos, anotações, até seus estranhamentos e suas emoções, sobre o que está pesquisando. Veja, apesar que a pesquisa seja científica, netnógrafo[a] no meio de um espaço desligado, mas de interações, eu fiquei incomodada, apaixonada, tristonha, empolgada, com raiva ao longo da imersão virtual, porque me deparei a diversas situações e meu agir na sociedade, isto, não afeita os critérios como pesquisadora, ao contrário, reforça a vontade de desenvolver o estudo do melhor jeito possível (Confissões de netnógrafa, 2019).

Adiciona-se ao arsenal de netnógrafa a criação de alertas pelo Google e fazer seguimento do caso pesquisado, arrumando todas as informações desde as comodidades de seu e-mail. Recomenda-se desde a primeira busca digital, arquivar através de *print* a informação relevante, já que em alguns momentos os hipertextos parecem “sumir” do ciberespaço. Posteriormente, será questão de “cifrar e decifrar” os conteúdos, a partir de sistematizar, categorizar e interpretar a informação.

Igualmente, pode corroborar às informações encontradas, verificando a fidelidade das imagens, a veracidade dos conteúdos circulando pela rede, como entrar em contato com os personagens envolvidos no estudo, graças às vantagens que oferecem as novas tecnologias, ou seja, pode implementar o percurso da entrevista pelos aplicativos, tais como: *Facebook, Instagram, Skype, Hangout, Whatsapp* etc, a fim de obter informações mais internas no processo de pesquisa.

Não vou mentir, adicionar entrevistas online a seu arsenal de netnógrafo[a] é um processo árduo por assunto logístico (tempo-horário do entrevistado[a]), de conexão e conhecimento técnico dos sujeitos envolvidos para estar “online”, mas vale a pena, embora os entrevistados ficam distantes geograficamente, podem oferecer aportes e clareamentos que se conseguem “pescar” nessa troca

assunto pesquisado e localizar no cache do navegador dados “aparentemente apagados da web”, no meu caso, aconteceu quando pesquisei sobre o assassinato de líderes indígenas em Cauca, Colômbia, e um dia qualquer, não apareceu a informação, mas com ajuda de Copernic consegui recuperar a informação.

de dizeres e pensamentos fluindo constantemente, a través da entrevista, aproveitando as vantagens das tecnologias (Confissões de netnógrafa, 2019).

Em resumo, nota-se como o pesquisador segue mantendo a imersão na ferramenta metodológica da netnografia, permitindo que através da *internet*, o ciberespaço se torne em ambiente e instrumento de pesquisa, em uma rede imensa, volátil, volúvel, dinâmica e heterogênea, mas que se constitui em universo de investigação, particularmente desafiador pela complexidade e abrangência do mundo virtual.

3 Do http à construção de sentidos

A relação tempo/espaço e real/virtual, parecem ser opostos que atravessam nosso corpo, as nossas emoções, mas transitam contextos sociais, políticos culturais etc., ao mesmo tempo que nos interagimos a partir da máquina (dispositivos eletrônicos). Nessa interação se desdobram os sentidos, pois com os avanços e as dinâmicas tecnológicas, o pesquisador também vai-se reinventando.

Em concordância, implementando os instrumentos anteriormente mencionados, em uma pesquisa netnográfica sobre a construção do indígena Misak contemporâneo pela *internet*, os resultados revelaram a pertinência da prática para a netnografia. Assim, na busca avançada no *Google* se “jogou” as palavras “comunidade indígena Misak”, filtro: PDF, vídeo, áudio e *blogs*, imediatamente, o motor de busca mostrou só os ditos arquivos *hipermedia*⁴ que revelaram como esses indígenas são vistos no espaço virtual.

Posteriormente, usando a mineração de dados, a partir do *Researching*⁵ e *Web Scraping*⁶ se identificaram os hipertextos que redirecionaram informação à comunidade Misak no mundo digital. A referida mineração jogou 2,420 resultados para texto formato PDF; 701 imagens; 1740 vídeos; 287 notícias sobre eles; 5 *blogs*; 6 projetos comunitários indígenas Misak desde as TICs e /ou comunicação no território *Wampi*; 2 contas pelo *Facebook*, 2 tags de metadados (# ou *Hashtag*) pelo *Instagram*. Isto permitiu verificar de maneira abrangente que se diz sobre essa comunidade em suas interações, produção social e modos de estabelecer relações com o mundo, já que essas novas linguagens transformadas em hipertextos (*links*) estão carregadas de história, de ideias que se transformam em narrações e representações do indígena Misak no universo virtual.

⁴ Sob perspectiva de *Santaella* (2007) é um sistema aberto que não reconhece começo nem fim, mas constrói o ciberespaço, incorporando vídeo, cinema, rádio, jornal, livro, pintura, fotografia dentro da lógica digital.

⁵ Termo próprio das Tecnologias da Informática (TI) para rastrear um assunto específico, a partir de navegar pela *web*.

⁶ Raspagem de dados é uma técnica em que um programa de computador extrai informações de uma interface feita para a leitura humana. No jornalismo, essa técnica vem sendo aplicada principalmente para extrair informações de páginas da *web* e de documentos PDFs.

Adicionalmente, tendo em conta que o ciberespaço é volúvel, dando continuidade ao exemplo da comunidade indígena *Misak*, se criaram alertas no buscador *Google* para obter os dados recentes e com as últimas atualizações e informações sobre esses indígenas na cibercultura. Essa ferramenta digital permitiu que o conteúdo se armazenasse no *e-mail* pessoal da netnógrafa e depois arrumar, redirecionar, mergulhar, excluir, os hipertextos que continham elementos-chave para o desenvolvimento da pesquisa. Incluindo vídeos, fotos, notícias e qualquer elemento que envolvera o grupo de pesquisa, durante a etapa de [ciber]-trabalho de campo.

Enquanto se obteve os levantamentos necessários, fez-se a sistematização e categorização das informações encontradas no ciberespaço. Desde meu olhar como netnógrafa é importante triangular⁷ as informações em todo momento para obter uma adequada *'autópsia de textos'*, termo que uso para referir-me a análise além do conteúdo, com o intuito de compreender da melhor forma possível o tema de estudo. Observemos.

Figura 1 – Exemplo de evento noticioso sobre os *Misak* achado no ciberespaço



Fonte: Print screen Revista Arcadia, 2018⁸.

-Revista Arcadia: "Al Pacino, Hillary Clinton e García Márquez posaram para suas lentes. Qual é a diferença entre fotografar esses personagens e indivíduos anônimos como indígenas na Colômbia?"

⁷ Desde a minha experiência como netnógrafa verifiquei que depois do [ciber]-trabalho de campo, a triangulação das informações a partir de uma tríade em relação ao contexto dos sujeitos envolvidos; à capacidade de crítica e interpretação de observar que há por traz dos conteúdos e a fundamentação teórica - analítica, permitiram enriquecer a pesquisa desde um campo interdisciplinar. No meu caso, fiz netnografia desde a Comunicação, a Semiótica, a Netnografia, a História, a Cibercultura, às ferramentas digitais próprias da computação e aos Estudos de Cultura Contemporânea (Confissões de netnógrafa, 2019).

⁸ Disponível em: [https://www.revistaarcadia.com/articulo/ruven-afanador-museo-santa-clara-hijas-del-agua-exposicion-fotografias/70437]. Acesso em: 10 ago. 2018.

-Ruven Afanador: Na verdade, do ponto de vista do processo fotográfico, não sinto qualquer diferença entre fotografar uma pessoa famosa ou uma pessoa indígena. Existem os mesmos desafios em trabalhar com alguém que é fotografado com muita frequência ou uma pessoa desconhecida. Os nervos que sinto são os mesmos, independentemente de ser Obama, ou ser um homem com quem não tenho muito contato. Fotografá-lo é muito especial". (Entre essas olhadas fotografadas, o olhar feminino Misak. Tradução minha).⁹

Tomando como referência a nossa 'autópsia de texto', o evento noticioso sobre os *Misak* encontrado no ciberespaço, pode ser analisado enquanto circulação e repercussão do conteúdo; discurso e imaginário do entrevistado, construído através de sua fala; perfil do meio de comunicação para apresentar o texto como notícia. Cabe também, uma análise de como os usuários olham/usam essa informação e a arquitetura de emoções que se configura em um interesse coletivo, que junto cria afinidade, para levar-lhes a compartilhar/reproduzir a postagem em suas redes sociais. Nesse exemplo, a notícia foi divulgada 93 vezes, portanto, passa de uma primeira olhada do texto, para aprofundar-se nos objetivos que há por traz dessas "simples" palavras.

Cabe ainda, uma análise à luz da semiótica, a partir da imagem fotográfica usada pelo meio de comunicação digital, tanto a nível superficial (narrativo, descritivo) como a nível da profundidade (tecido de sentidos), misturando análise estética da imagem, como o que se está comunicando. Segundo *Barthes* (1982), imagens como fotografia, desenho, pintura, incluindo teatro e cinema, contêm sistemas de códigos significativos que ajudam a entender melhor o mundo em que vivemos, não só representam a realidade social, mas a constroem. Em correlação, para *Andacht* (1987), se analisa para contrastar aqueles significados com um olhar mais natural e cotidiano.

Não poderia pensar em melhor descrição para o trabalho de [pesquisador em semiótica] (...) sobre as práticas sociais que, esse gesto de adivinhador demarcando zonas de interesse no firmamento gigantesco do texto construído pela produção de discursos sociais (*ANDACHT*, 1987: 9. Tradução minha).

O pesquisador uruguaio, através da semiótica social e ultrapassando para o contexto digital, no material *hipermedia* da comunidade indígena *Misak*, permite enxergar a existência de signos do agir do homem.

É um agir respeitoso, definido pelos signos: (...) História de mentalidades, de ideologias, de técnicas, que podem-se beneficiar de um olhar atento e sistemático da semiótica social, ou seja, dessa interação cotidiana como trasfego de signos (*ANDACHT*, 1989: 8).

⁹ Trecho da entrevista intitulada "Ruven Afanador fotografou o olhar das indígenas na Colômbia", concedida à Revista Arcadia, publicada em 10/08/2018. Disponível em: [<https://www.revistaarcadia.com/arte/articulo/ruven-afanador-museo-santa-clara-hijas-del-agua-exposicion-fotografias/70437>]. Acesso em: 10 ago. 2018.

Em síntese, os instrumentos implementados na pesquisa netnográfica permitiram prática de observação, descrição, sistematização, interpretação e análise das dinâmicas interativas e comunicativas, como um modo de indagação e de compreensão das interações dentro da cibercultura.

4 Considerações finais

Ao expor minha vivência como netnógrafa, reitero que não se trata de uma ‘receita metodológica’, mas de enfatizar a importância de sistematizar nossas experiências como pesquisadores. Pois, por trás do estudo acontecem fatos, eventos, detalhes interessantes para serem considerados, transmitidos, lidos, interpretados e readaptados ao contexto.

Além disso, desde a netnografia se procura selecionar os elementos mais significativos para a pesquisa, (FRAGOSO *et al.*, 2011). Note-se também, como o diálogo entre os conhecimentos técnicos informáticos - homem, agilizam um pouco o processo, a partir de programar a máquina para um fim específico, mas a máquina não raciocina, de modo que netnógrafo[a] continua esse dialogo além da materialidade para interpretar e analisar os hipertextos que passam a ter formas concretas: *hipermídia* (imagem, texto, vídeo, etc.); fragmentos que constituem uma parte da realidade e permitem fazer sentido sob olhar crítico e aprofundado.

Portanto, acredito que é chave que o pesquisador no ciberespaço possa tentar/arriscar novos modos de aprofundar nas temáticas e compreender o foco de estudo. Evidentemente, deve ficar claro que conceber as entrevistas *online* dentro do estudo da cibercultura, depende muito do norteamento e a utilidade para sua pesquisa. No meu caso, foi um instrumento metodológico que permitiu acrescentar as análises, além dos apontamentos encontrados no ciberespaço.

Acrescento que ao longo deste trabalho foram surgindo apontamentos e questionamentos sobre como seguir trilhando os caminhos da cultura digital e o fazer netnográfico, a fim de tentar promover o debate e os processos de reflexão sobre os atores sociais na cibercultura, aproximando-se à sua realidade imediata, enquanto eles são uma fonte de conhecimento e compreensão da realidade dialogada entre o conhecimento científico e o simbólico das sociedades. Então, acredito que a discussão no campo de estudo não se esgota, ao contrário, se amplia.

Finalmente, “O que foi deixado no ciberespaço: Confissões de uma netnógrafa” se escreve nas mudanças, nos desafios, na tentativa de compreender os discursos e os imaginários fragmentados da sociedade contemporânea, com maior força pelo mundo virtual. Agora, encontrar respostas no ciberespaço para o quê? Talvez, a possibilidade de ligar-nos à vida.

Referências

- ANDACHT, Fernando. **El Paisaje de los signos. Semiótica y sociedad uruguaya contemporánea**. Montevideo: Montesexto, 1987.
- _____. **De signos y desbordes. Semiótica y sociedad**. Montevideo. Montesexto, 1989.
- BARTHES, Roland. **Lo obvio y lo obtuso**, Paidós, Barcelona, 1982.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- LEÃO, Lucia. **O Labirinto da hipermídia** - arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- _____. **Derivas: cartografias do ciberespaço**. Annablume, São Paulo, 2004.
- LEMOS, André L.M. "**Anjos interativos e retribalização do mundo**. Sobre interatividade e interfaces digitais", 1997. Disponível em: [<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>]. Acesso em: 07 jun. 2018.
- MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: **Sociedade midiaticizada/Denis de Moraes (org)**; [traduções de Carlos Frederico Moura de Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel] – Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 191- 223. ISBN 85-7478-166-5.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. 468 p. ISBN 9788534927659.
- SILVA, Adriana Araújo de Souza. **Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea**: de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários, 2004. Disponível em: [<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023362.pdf>] Acesso em: 22 jul. 2018.

WHAT WAS LEFT IN CYBERSPACE: confessions of a netnographer

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 4
Number 2

Received in: 10/06/19
Approved in: 07/04/19

Abstract:

Accepting the challenge as netnographers in cyberspace allows us to consider questions such as: How do you implement the ethnographic methodology in the virtual world? What are the instruments for a netnographic immersion in a world of 'infinite information and updates' on the Internet? Therefore, this article is not a 'methodological recipe' but offers tools for [cyber]-work in the field, in order to systematize the process experienced as a netnographer. The methodology is netnographic supported in the Information and Communications Technology (ICT). Finally, this text contributes to the area of cyberculture, and it encourages more research in the virtual world.

Keyword:

Netnography. [Cyber]-work in the field. Cyberspace. Cyberculture.